

# Col·legi Mare de Déu dels Àngels | **(Trans)Formação educativa ao serviço da condição humana**

Daniela Gonçalves

([daniela@esepf.pt](mailto:daniela@esepf.pt), ESE de Paula Frassinetti; CEDH da UCP; LIS - Colégio Novo da Maia)

## **Introdução**

O texto que aqui se apresenta tem como finalidade dar conta da visita de estudo realizada no dia 28 de março de 2017 ao Col·legi Mare de Déu dels Àngels, no âmbito do II Simposio Internacional Barcelona | Educación | Cambio. Respeitando a estrutura proposta pelos organizadores desta publicação, contempla, a propósito da instituição visitada, uma abordagem sobre o conteúdo anunciado no *site* do Simpósio e a imagem/perceção global resultado da explicitação das *inovações* observadas, não deixando de apontar modos possíveis da Escola portuguesa se apropriar desta viragem paradigmática em busca de mais e melhor em prol da aprendizagem efetiva e feliz dos alunos.

## **O início da visita – (Pré)visão**

Visitei, pela primeira vez, o Col·legi Mare de Déu dels Àngels no *site* do II Simpósio Internacional Barcelona | Educación | Cambio, onde, de forma sumária, esta instituição educativa disponibiliza as seguintes informações:

Nesta instituição de ensino “concertada” (com financiamento próprio e com apoio do estado), os verdadeiros protagonistas são os alunos e no projeto educativo está bem patenteada a ideia (e a prática) de que os vários saberes – pedagogia, psicologia positiva, neurociência, entre outros – estão efetivamente ao serviço do processo de aprendizagem que é necessariamente personalizado, diverso, experiencial, motivador e compreensivo/apropriado por quem o vive, implicando diferentes itinerários da viagem do aprender, respeitando, deste modo, o ritmo de cada um(a) e as inteligências múltiplas.

O Col·legi Mare de Déu dels Àngels (<http://www.mdangels.org/>) partilha a missão, a visão e os objetivos das Escolas de Natzalet: "formar famílias cristãs através

da educação integral de crianças e jovens”, em colaboração com as famílias, escolas de Nazaré e promover a educação dos seus alunos, através de um ensino de qualidade, enraizado no contexto cultural do país.

O projeto educativo é desenhado/operacionalizado, tendo em conta as seguintes quatro ideias-chave:

- i. *Alcançar uma metodologia de currículo e avaliação que promova desafio e desejo de aprender, em contextos reais, a construção social do conhecimento.*
- ii. *Transformar o papel do professor como um membro de uma comunidade profissional de aprendizagem.*
- iii. *Transformar o papel do aluno como líder e responsável pela sua própria aprendizagem e gestão das suas emoções.*
- iv. *Transformar do espaço, de forma a permitir a aprendizagem.*

Sem dúvida que esta *visita* prévia despertou ainda mais o meu interesse de conhecer, aprender e viver com e neste modo de educar/ensinar tão autêntico, sistémico e integral.

A (*pré*)visão foi pouco previsível, porque a vitalidade e o dinamismo do local, decorrente das pessoas foi deveras e agradavelmente inesperado.

### **A visita – Visões, perceções, considerações**

Ao visitar esta instituição foi possível confirmar que a primeira grande transformação estava já em marcha em todas as etapas educativas, beneficiando os 1200 alunos desde o primeiro ano de vida (*Educació Infantil*) até aos dezoito anos (*Batxillerat*). De acordo com a apresentação da diretora, Madre Mónica Ferré, esta transformação educativa exigiu, necessariamente, muita formação aos 96 docentes para inovar em todo o processo de ensino.

A coluna vertical desde processo de (trans)formação reside no trabalho cooperativo. Tudo é pensado, organizado e operacionalizado com os outros em benefício de uma aprendizagem personalizada e comprometida com o desenvolvimento *inteligente* e autónomo dos alunos, produtores de conhecimento, cidadãos globais e pessoas reflexivas.

Foi particularmente curioso e interessante presenciar a clareza e a vitalidade da diretora na apresentação sucinta deste percurso de inovação e mudança. Nas suas palavras, “se não se preparar os professores, investindo na formação, não vale a pena derrubar paredes...”. Foi também isto que foi confirmado. Apesar de alguns espaços estarem adequados a esta nova identidade, existiam outros, menos ajustados, mas que não obstaculizaram a implementação da referida transformação. Esta instituição educativa engloba três edifícios separados fisicamente mas onde o sentido de pertença ao mesmo projeto, à mesma visão e à mesma missão é claramente perceptível no modo de estar dos colaboradores, pelo modo de aprender e viver dos alunos e pelas marcas, símbolos, imagens, recursos, mensagens que se encontram nos espaços, contrariando a ideia de que mais é menos e que o excesso provoca ruído (visual). Aqui tudo tem significado(s); tudo alerta para o essencial; tudo serve para (re)lembrar o que os une!



Imagem 1 – átrio de um dos edifícios de aprendizagem



Imagem 2 – Parede de um espaço de aprendizagem

Há, portanto, um *ethos* institucional positivo e promotor de relações profissionais competentes, próximas e empáticas, onde muitas vezes a docência é partilhada, visto que os alunos, regra geral, trabalham num espaço amplo, em grupo (máximo 3 alunos), por projetos interdisciplinares, predominando o trabalho em equipa, a entreaajuda, a pesquisa orientada e a produção de conhecimento a partir de



fontes que são disponibilizadas pelos docentes. Normalmente, nestes espaços de aprendizagem envidraçados, descentrados e flexíveis, o rácio de professores por aluno é de três docentes para noventa alunos; não obstante, é visível que os alunos compreendem o que aprendem, comunicando com muita proficiência e enorme desenvoltura (e em todas as etapas educativas) o processo que está a ser vivenciado, não descurando a associação intencional de explorar várias áreas de saber de forma interdisciplinar e integrada. O recurso ao *tablet* é uma constante, com uma utilização ajustada ao trabalho a ser realizado. Este recurso serve até de auxílio às apresentações que os alunos realizaram aquando da nossa visita, bem como em momentos de partilha uns com os outros. Para isso, no mesmo espaço de aprendizagem estão docentes de diferentes áreas que combinam (preparam/planificam) antecipadamente o seu contributo específico e geral para aquele momento no processo de aprendizagem dos alunos. Vejamos várias imagens que servem de ilustração à nossa visão/perceção:



Imagem 3 – Grupos de alunos da *Educació Secundària* no tempo do *Design Thinking*.



Imagem 4 – Alunas da *Educació Primària* a explicitar a pesquisa realizada sobre a União Europeia.



Imagem 5 – Aula de robótica



Imagem 6 – Apresentação de um projeto interdisciplinar

No que diz respeito à estratégia adotada para a avaliação das aprendizagens, salienta-se a pluralidade de critérios simples, claros e perceptíveis por todos, incluindo os alunos. Há uma aposta forte na modalidade formativa, onde o recurso ao *feedback* processual e a autoavaliação são privilegiados, não descurando várias estratégias e recursos: rubricas, portfólios, *visual thinking*, classe invertida, resolução de problemas da vida diária, *steps*, entre outros. No final, e em conselho de docentes, cada professor “especialista” - da área do saber específico - avalia e partilha os seus critérios com os

seus pares sobre um mesmo “produto” construído pelo aluno (a título de exemplo: o resultado do projeto interdisciplinar). É recorrente o trabalho que está a ser desenvolvido ser avaliado quer pelos alunos (através da autorregulação) quer pelos docentes e equipa diretiva. A este propósito, durante a visita à instituição, tive a oportunidade de conversar com a diretora da *primária*, Madre Gloria Fernández, que partilhou comigo: “ainda há pouco tempo fomos a Seattle e trouxemos várias ideias interessantes. Apresentamos, discutimos e implementamos algumas. Fomos sempre avaliando e, no final do ano, foi consensual que os efeitos não eram positivos. De imediato, abandonamos e (re)configuramos novamente a nossa transformação educativa. Tudo se consegue... não podemos é abandonar o rigor”. Aliás, a rede educativa onde esta instituição está inserida é também um modo de validar/regular, constantemente, este *cambio* educativo, visto que regularmente há formação conjunta, onde essencialmente se pensam e constroem materiais, recursos e estratégias que ajudam a implementar o ensino preconizado.

A nível organizativo, e em particular na Educação Pré-escolar, destaca-se as salas sensoriais e artísticas, bem como o ensino da língua inglesa desde a Creche e, ainda, a aprendizagem de violino desde os quatro anos de idade. De realçar, na *primaria*, as aulas de xadrez lecionadas em inglês, assim como o espaço de aprendizagem da robótica.

Já no que respeita à dimensão pedagógica, realça-se a flexibilidade do currículo, a gestão educativa da sala de aula, a variedade e diversidade de estratégias de ensino propostas, a escuta ativa aos alunos, a relação pedagógica entre docentes e alunos, a diversidade de critérios de avaliação, a utilização de diferentes recursos, incluindo os tecnológicos, a importância dada às fontes de pesquisa, a aplicação de métodos de ensino autenticamente ativos, interativos, promotores de autonomia e de apropriação da aprendizagem e, finalmente, a organização dos espaços e dos tempos escolares. Apesar de toda esta riqueza, nesta instituição é bem evidente uma dinâmica pedagógica (e organizativa) muito ajustada, refletida, articulada e eficaz em todas as etapas de educação e ensino.





Imagem 7 – esquema da intencionalidade educativa das diferentes etapas de educação e ensino.

### Após a visita – (Pós)visão

Então e nós? Esta transformação é possível no contexto da escola portuguesa? Esta ou outra com outros contornos... especificamente nossos? A escola portuguesa necessitará de transformar as suas práticas? Estas foram algumas inquietudes que de imediato me surgiram. Para algumas, tenho as minhas crenças, mas não é este o local mais adequado de partilha. Vejamos alguns aspetos que, em meu entender, devem ser contemplados/considerados/ponderados com mais transparência e maior intencionalidade, nas práticas educativas da nossa escola portuguesa:

- 1) Foco na aprendizagem da pessoa (daí personalizada) - o ato de ensinar consiste no desenvolvimento de uma ação intencional e especializada que é suportada por um conhecimento científico sólido e próprio, implicando mobilizar um conjunto de vários dispositivos que potenciam, de modo ativo, a aprendizagem de outro indivíduo ou grupo de indivíduos. A profissão docente implica obrigações deontológicas que cada um de nós tem para com os seus pares e obrigações morais para com os nossos alunos, não podendo nenhuma delas fazer periclitar princípios éticos fundamentais. Ser docente implica a honestidade na “preparação” de pessoas e não apenas de homens e de mulheres... Honestidade na preparação para a vida profissional e social e,

sobretudo, pessoal, porque, como defendia Kant, para se ser verdadeiramente homem não basta ser apenas homem, precisamos de Aprender a SER pessoas.

- II) Transformar o paradigma didático-pedagógico - algumas das medidas que apontam para a introdução de alterações, perspetivando o ato de aprender e o de ensinar à luz de um novo paradigma didático-pedagógico, dinamizado por novos conceitos de educação, novas competências, atributos e capacidades, têm sido justificadas pelas profundas transformações que a sociedade atual atravessa, exigindo o reequacionar do papel da escola e a reestruturação dos processos de ensino e de aprendizagem. Requerem, portanto, uma “outra” escola. As exigências a que aludimos implicam uma procura de respostas a aspetos essenciais que se constituem, hodiernamente, como desafios ao exercício da profissionalidade docente, como são, nomeadamente, a diversidade de contextos institucionais em que decorre o ato educativo e as exigências da sua natureza comunicacional e intencional. Parece-nos evidente que a ideia de desenvolvimento profissional reclama que a teoria e a prática se interliguem, suportando um exercício da docência fundamentado e em permanente (re)construção ao longo de toda a carreira, visto que a capacitação para o exercício da atividade profissional é um processo centrado na complexidade dos aspetos cognitivos, afetivos e relacionais de cada professor, que envolve múltiplas etapas, largamente influenciadas pelo contexto. O desenvolvimento profissional é uma exigência incontornável e, por tal, torna-se necessário que se constitua em um processo capaz de gerar a transformação da prática docente, enquanto corresponsáveis pela operacionalização do projeto educativo próprio de cada instituição educativa. A (re)configuração ou a transformação das práticas, por sua vez, impõe o recurso a estratégias que pressupõem o desenvolvimento eficaz e enriquecedor de processos de interação teórico-prática que potenciem a reflexão sobre *o que se faz, como se faz, porque se faz; quais os resultados do que se fez, porquê esses resultados e como os aperfeiçoar*. Este novo modo de entender a prática assenta numa atitude de questionamento, sustentado por referentes teóricos de análise, pelo



domínio das metodologias apropriadas, e, claramente, pela vontade de melhor conhecer e melhor agir.

III) (re)Pensar a(s) finalidade(s) da escola - a Escola deve, obrigatoriamente, contemplar um verdadeiro projeto, que se identifica com uma ambição no presente, e uma visão de futuro assente em princípios, valores e políticas que se aplicam na ação educativa e pedagógica com os alunos. Portanto, a Escola pode mudar quando constrói consensos orientados para a ação, compatibiliza as normas nacionais com os projetos individuais e de grupo, mobiliza todas as “energias” e gera um Projeto Escola com uma liderança forte e mediadora de divergências e conflitos, no quadro de uma gestão participativa. Mesmo coexistindo ideias muito distintas acerca dos valores e práticas educacionais e apesar de lidar com situações de conflito (que não podem ser ignoradas nem dissimuladas), a escola pode mudar quando o conflito é encarado como uma experiência construtiva, desafiante e promotor de consensos estratégicos. Para que esta “meta” seja atingida, a escola poderá orientar-se por duas finalidades bem presentes no Col•legi Mare de Déu dels Àngels: desenvolver e estimular o gosto intelectual de aprender e construir espaços/momentos em que se aprenda pelo trabalho e para o trabalho. Vejamos: a importância de “ler” o mundo depende do gosto intelectual de aprender; é necessário que cada um de nós ofereça razões às suas próprias opiniões, ou seja, compreenda as suas inquietações/informações e as transforme em conhecimento. Daqui resulta a urgência da intervenção social no mundo em detrimento dos benefícios materiais ou simbólicos que o futuro promete, isto é, tornar as pessoas mais sensíveis às diferenças e fazê-las sair do pensamento massificante. É preciso educar, instruir, nutrir o espírito de discernimento e formar para a complexidade. No que respeita à construção de uma escola em que se aprenda pelo trabalho e para o trabalho, trata-se de contrariar a subordinação funcional da educação escolar à racionalidade económica vigente e evoluir da mera repetição de informação para a produção de saber, o que exige uma aprendizagem madura e onde se aprende a ser intolerante com as injustiças e a exercer o direito e o dever à palavra, usando-a para pensar o mundo e nele

intervir, tendo como pano de fundo o reconhecimento da falibilidade humana e, por isso mesmo, a aceitação de consensos razoáveis.

E mesmo no final, confesso o meu sentimento mais presente: o mais importante foram (e são) as pessoas!

A força, a autenticidade, a coragem, o interesse, a astúcia, a criatividade; e tudo porque cada dia parece ser conotado de oportunidades...Vale a pena acreditar, e é necessário afirmá-lo: o ser humano nunca abandona a sua condição - a dúvida, o espanto, a capacidade de aprender, de se adaptar, de se transformar e de produzir ou recriar conhecimento/cultura.